

KAIS. KÖN. HOF- BIBLIOTHEK



75.220-B

Neu-



75220-B.

Österreichische Nationalbibliothek



+Z224735403

POESIAS E THEATRO

DE

L. C. FURTADO COELHO.

I.

SORRISOS E PRANTOS.

POESIAS.

LISBOA.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL.

Rua dos Calafates n.º 113.

1855.

A MINHA LYRA.

Je ne sais que verser des larmes.
V. HUGO.

Mancebo, inda crente, d'esp'ranças c'roado
Eu tenho uma lyra que falla d'amôr...
Seus cantos humildes são pobres, mas puros
Qual é de uma virgem na face o rubor.

Se as notas que vibro nas cordas singellas
Podessem das brisas o sopro imitar,
Se fossem tão tristes como é o murmurio
Das vagas que expiram nas praias do mar;

Se fossem tão doces meus cantos sentidos
Como esses que vejo dos bosques erguer,
Lá quando fagueiras as brisas da tarde
Vem cheias d'aroma nos bosques gemer;

*

Se como das aves o canto mais terno
 Se como harmonia suave do ceu...
 Se como o lamento da rôla saudosa
 Soasse nos ares um cantico meu ;

Se como o sussurro d'extensa floresta
 Ou de atra procella tremendo rollar,
 De dôr ou praser minh'harpa singella
 Seus hymnos soubesse d'est'alma arrancar ;

Então bem suave brotára da lyra
 Poesia que sinto no meu coração...
 Poesia celleste que a voz não revella,
 Que morre no peito sem ter expressão !

Mas triste ! debalde na lyra pretendo
 Cantar meus amores, cantar o meu Deus...
 Meus hymnos sem arte são vozes confusas
 Que a terra não ouve — nem ouvem os ceus !

Mancebo, inda crente, dedilho uma lyra,
 Mas é qual florinha sem cheiro e frescôr
 Debalde reboam seus cantos nos ares
 Espera-os a sorte da pobre da flôr !

1846.

NO ALBUM DE UM AMIGO INTIMO.

On cache dans l'ombre ses pleurs
Et cependant le temps se passe,
Pleurs et soupirs sont superflus ;
Mais enfin le ciel vous fait grace
On meurt et l'on ne souffre plus !

[Grasielle — Dramedes confidences de
Lamartine, par J. Barbier e M. Carré].

I.

No teu intimo livro eu quero um ecco
Do meu peito guardar !
Nas horas do soffrer pungido n'alma
A lembrança d'amigo a dôr acalma
Em manso recordar !

Nos dias de tristesa e desalento
Esta folha has-de lêr...
E vê nesta elegia tão sentida
Como é triste a harmonia desta vida
Tão longa de soffrer !

Quero um quadro profundo d'amargura
 No teu livro gravar!
 Tu que soffres tambem trances da vida
 Na lagrima que deixo aqui escondida
 Lerás o meu penar!

II.

Vi-me lançado no mundo
 Neste carcere profundo
 D'angustiado soffrer!
 Passei então uma vida
 Entre folgaes perdida
 Que nem eu posso dizer!

Eu nos bailes encontrava
 Um praser qu'embriagava
 De gôso meu coração!
 Vivia alli com loucura
 Na doida desenvoltura
 Na fervida agitação!

No frenesi dos banquetes
 Nos nevados beberetes
 Entre as taças de licôr,
 Em loucura desabrida
 Esquecia-me da vida
 No meio d'esse stridor!

Na mulher sómente via
 Ente fragil que tremia
 Debaixo do meu olhar!...
 Eu ouvir jámais quizera
 Que uma só mulher houvera
 Com poder de me domar!...

III.

Enganára-me!... no peito
 Que eu julgára já desfeito
 No rallar da corrupção;
 Senti um sopro divino
 Vir mudar o meu destino...
 Uma voz que me dizia
 Que eu amava... que soffria
 No fundo do coração!

Mas que visão fôra aquella
 Tão vaporosa, tão bella
 Que me fez estremecer?!
 Seria visão celleste
 Envolvida em branca veste?
 Seria um anjo de Deus
 Enviado lá dos ceus
 Que me vinha converter?!...

IV.

Não !... imagem não era vaporosa
 Nem visão... nem um anjo do Senhor...
 Era *ella* !... tão virgem, tão formosa
 Como estrella brilhante de fulgor !

No seu lucido rosto de candura
 Eu vira negros olhos scintillar !
 Mas para mim, nos labios de doçura
 Um riso ?... Nem um só lhe vi passar ?

Tão suave lhe ouvira d'harmonia
 Aquella voz em canticos d'amôr !
 Era um écco bem triste, noite e dia
 A repassar-me d'intima agonia
 Nas torturas da dor !

V.

Quiz um quadro profundo d'amargura
 No teu livro gravar...
 Tu que soffres tambem trances da vida
 Na lagrima que deixo aqui 'scondida
 Já lêste o meu penar !

O POETA.

— Sorris-te ? que espanta ? Sorrio-se a ventura
De ver a desdita que o triste opprimia
Assim n'outras eras sorriam tyrannos
De vêr como Roma nas chammas ardia !
Qu'importa ? É destino sorrir e soffrer !
Que a dôr qu'uns opprime dá a outros prazer !

D. JOÃO D'AZEVEDO.

.I

Bem alta caminha a noite
Já ao longe se entendeu
O bronzeo soar do sino
Que vezes onze bateu...

Dorme toda a natureza
Sem o mais leve rumôr...
O meu triste chôro apenas
Se eleva té ao Senhor !

Já não se ouve o doce canto
Do mavioso rouxinol
Que até alli triste gemêra
Já livre da luz do sol !

Nem o bafejar da brisa
Por esse extenso areal
Nem o gorgueio das aves
Pela floresta do val...

Quêda e calma a natureza...
Nem o mais leve rumôr...
O meu triste chôro apenas
Se eleva té ao Senhor !

Pelas águas desse oceano
Na vastidão desse mar
Nem ao menos vem a aragem
O seu somno perturbar.

Na terra, no céu, nos mares
Tudo é mudo em muda paz !
— Ninguem perturbe o silencio
Em que natureza jaz !

II.

Que silencio !... que remanso !
Como tudo é solitario !
Meia noite !... sôa zo longe
Lá no êrmo campanario !

Meia noite marca o tempo
 Mais um dia que passou!
 Aventurados aquelles
 P'ra quem rapido voou!

Porém aos que o tempo contam
 Pelas horas do soffrer,
 Dáe-lhes, Senhor, uma esperança
 Um momento de prazer!...

Como tudo é êrmo, mudo,
 Mudo, calmo, e solitario!
 Meia noite soando veio
 Lá do triste campanario!

E o som de cada hora
 Que de monte em monte sem
 Meia noite!... repetindo
 N'esses montes vai d'além!...

E depois a pouco e pouco
 Nem um écco mais vibrou...
 E no silencio em que estava
 Tudo, tudo repousou!

Lá por essas horas mortas
 Eu sósinho fui andar...
 Só!... de pé!... na 'scura noite
 É que eu amei meditar!...

III.

— Como é calma a natureza
No seu dôce repousar !
Como a noite vai serêna...
Quanto é bello seu luar !

— Com que Augusta magestade
Pelos céos d'escuro annil
S'eleva o astro da noite
Por entre mil astros mil !

— Que poesia não revella
Da lua o mago palôr
Quando espelha sobre as aguas
O seu mystico fulgor !

— Dessas aguas prateadas
Como é dôce o murmurio
Quando dormem no seu leito
Em branda noite d'estio !

— Eis alli p'r'o chão pendida
Uma flôr que murcheçô
Tal foi a esp'rança fagueira
Que no meu peito viveu !

— Triste planta resequida
Pobre florsinha do val !
Perdeste o viço aos furores ,
Do terrivel vendaval !

— Qual da triste flôr o viço
 Que tão cêdo feneceu,
 Tal foi a esp'rança fagueira
 Que no peito meu viveu !

— Que mysterios sanctifica
 Esta cruz do mausoleu?...
 — O celeste amôr da virgem
 Que abraçada á cruz morreu !

— A donzella immaculada
 Qual branca singella flôr,
 Que apenas brotou da terra
 Vio os céos e disse « *amôr!* »

— Gravada na fria lousa
 Aqui jaz uma *saudade!*
 — Foi o tumulto que rasgou
 Doce laço de amizade !

— Foi uma esp'rança perdida
 Estrella que se offuscou
 Foi sonho desvanecido
 Pela morte que passou !

— Mas além n'aquellas campas
 Que dôr d'espinhos não ha !
 Em que leitos de martyrio
 Não se extorcem espectros lá !

— Lá retine em som terrivel
 O blasfemar de uma orgia
 Onde pulam mil demonios
 Em furiosa gritaria !...

IV.

E ao *poeta* que vagueia
 Na soidão, triste... sosinho...
 Em passo desconcertado
 Em vaciloso caminho

Ouvide-lhe o triste canto
 Que amarga dôr lh'inspirou !
 Que notas amarguradas
 Da pobre lyra arrancou !

Tem lagrimas o seu canto
 Lagrimas d'intima dôr ,...
 É o chorar do deserido
 Repassado d'amargor !

É o pranto suffocado
 D'aquelle que já não crê,
 D'aquelle que no futuro
 Nem uma esperança vê !

.

V.

« Se eu venho de noite
 Perdido... sosinho
 Vaguear...
 Por horas bem mortas
 Apraz-me isolado
 Chorar!

« Eu amo de noite
 Dos ermos a triste
 Soidão...
 Aonde da lyra
 Soltar possa triste
 Canção!

« Bem negra tortura
 Meu palido rosto
 Mirrou!
 E as negras palavras
 Que a falsa prejura
 Fallou!

« Sé eu venho de noite
 P'los ermos, sosinho
 Vaguear...
 Nas horas perdidas
 Apraz-me na lyra
 Cantar!

« Mulher ! eu te amava
 Mais inda que os anjos
 A Deus !
 Se a vida pediras
 A déra... te juro
 P'los céos !

« Mas nem dessa vida
 Quizeste um momento
 Um só !
 Lançaste os protestos
 As juras lançaste
 No pó !

Se eu venho de noite
 De noite... sosinho
 Vaguear...
 Por entre os cyprestes
 Bem junto das campas
 Andar...

« Se eu venho de noite
 Por entre sepulchros
 Vaguear
 E' que... morto n'alma
 Eu quero os espectros
 Olhar !

« E' que eu já não posso
Semblante de vivos.

Mirar...

Escalda-me o peito
A luz ver dos olhos
Brilhar!

« Só... de noite eu venho
Por entre defuntos

Vaguear,

Na frigida lousa
A gelida face
Pousar!...

« Deixae-me ó meu Deus
A morte bem fria

Tocar,

E sem de meus labios
Palavra maldita
'Scapar!»

VI.

Toldam-se os ares, offusca-se o brilho
D'astros sem fim que brilhavam nos céos!
Turvam-se as aguas, encrespam-se os mares...
Tudo revela qu'irado está Deus!

Ferve nos ares; cotisco de fogo,
 Sopra violento, furioso, do tufão...
 Negro, pesado, tremendo, e austero
 Ruge esse mar em terrível volcão!

VIII.

Quem é que n'aquelle rochedo, scarpado
 Contempla sosinho a tormenta do mar?...
 Não vêdes?... lá está qual terrível espectro —
 Parece o rugido da onda escutar!

— *O poeta*?... — E sim, pra ali foi apressado
 Subio essa rocha sem medo ou temor...
 Gelados os membros, irçado o cabello
 Contempla das vagas o rude furor!

Ouvide-o... lá grita! parece estar louco!...
 E um ecco bem longe bradou *maldição!*
 No peito mirrado o furor da tormenta
 Lembrára-lhe um dia de negra traição!

Na 'spuma das vagas ouvira o seu nome...
 Adiante com letras de sangue deu não!
 Rouquenha, é a voz a ferver-lhe no peito...
 Bradando outra vez a *maldição! maldição!*

E quando no seio gelado das vagas
 O poeta seu corpo ia prestes lançar,
 Tentando esconder-se — cadaver mirrado !
 No fundo mais fundo de todo esse mar...

Então de repente cessou a porcella
 Das vagas calinou o intenso furôr...
 No céu estrellado outra vez apparece
 A lua brilhando com mago fulgôr !

E como envolvido n'um sonho d'encantos
 Par'ceu-lhe escutar harmonias do céu;
 Depois ver a virgem de joelhos orando
 Aos pés da cruz santa em que o Christo morreu !

E o poeta sentindo fugir-lhe do peito
 A dor que soffria no seu coração
 Vergou sobre a rocha scarpada os joelhos
 E horas inteiras lá fez oração !...

VIII.

Desejos mentidos da terra qu'importam?...
 Se agora eu só creio nas cousas do céu !...
 Qu'importam amôres terrestres mundanos,
 Se flores sem viço, só teem por tropheo ? !...

JÁ PASSOU !

Fleuves, rochers, forêts, solitudes si chères
Un seul être vous manque, et tout est dépeuplé.

LAMARTINE.

Que é do tempo venturoso
Esse tempo em que eu amei ?!
Esse tempo tão saudoso
Tão saudoso... em que eu gosei !
Que é do tempo abençoado
Que eu vivia sem cuidado
Em amôres emballado
Amores que só eu sei ?

Esse tempo d'innocencia
Naquelle amôr todo d'alma
Que o triste penar d'ausencia
Não esquece nem acalma.....
Esse tempo já passou ?...
Já não existe ?... acabou ?...
Ou com elle já seccou
Essa outr'ora verde palma ?...

Se no prado de mil flores
 Branco lyrio desbotado
 Guarda mysterios d'amores
 Que me revella... callado...
 Se perdida na corrente
 Vejo a folhinha innocente
 Meu coração nada sente
 No peito de dor mirrado?...

E se a singella florinha
 Entre os campos de verdôr
 Eu vejo triste... sosinha
 Já sem viço... sem vigor...
 Não sinto n'uma lembrança
 Desses tempos de bonança
 Eshotar-se uma esp'rança
 Entre as folhas dessa flôr?!...

Se de tronco desprendida
 A folhinha pelo vento
 Sobre as agoas vai... perdida
 Já sem rumo... já sem tento,
 Não — sinto longe do mundo
 No meu peito gembundo
 Um écco longo e profundo
 De dor e de soffrimento?!...

Oh! que o sinto!... que a lembrança
 Desse tempo namorado,
 E' um écco sem esp'rança
 Como a esp'rança no passado!

E' uma triste elegia
 Um hymno sem melodia
 Que, continuo, noite e dia
 Do meu peito tem vibrado!

Esse tempo já passado
 Esse tempo em que eu amei...
 Com esperanças embalado
 Em amores... que eu nem sei...
 Esse tempo me revella
 N'uma phrase bem singella
 Mystérios do peito *della*
 Que a ninguem eu contarei!...

Então no peito mirrado
 Mirrado pelo soffrer...
 Sinto lembrar-me o passado
 Doce tempo de prazer!

Da terra não... mas dos ceus...
 Era o anjo que eu amei
 Voou aos braços de Deus...
 E na terra eu só fiquei!

Que nos hymnos do Senhor
 Que se entoam lá no ceu,
 Nesses canticos de amor
 Faltava o *cantico seu!*

... 1850.

...

!

As gallas de...
 Quando a natureza...
 Que a coroa...
 Melhor as...
 Que a...
 Quando a...
 Que as...
 As gallas de...

O SENTIR DO POETA.

No album do meu amigo J. M. Rebello Valente.

I.

Na quadra do anno que os mantos de flores
D'inumeras cores
Exalam perfume p'los campos sem fim,
Que a brisa correndo mui branda, ligeira
Parece fagueira
Beijar as campinas — florido jardim !

Que a aurora desponta risonha — formosa
De côres de rosa
Saudando a natura em seu mage 'splendor,
Que as aves trinando em maviosa harmonia
Festejam do dia
As gallas qu'incantam, que fallam d'amor...

Que os montes — os valles d'espessa verdura
 Respiram frescura;
 Que as aguas da fonte são mais de cristal...
 — Na quadra do anno que os mantos de flôres
 Matisam de cores.
 Os campos viçosos do meu Portugal...

Mirando a natura
 Que a vista seduz
 Eu sinto uma esp'rança
 Qual raio de luz,
 Que cheio de brilho
 No 'spaço transluz...

O verde dos campos
 O viço da flôr
 A brisa ligeira
 Da fonte o murmôr,
 Desprendem do peito
 Palavras d'amor !

Alegre risonha
 A verde estação,
 Amores desperta
 No meu coração;
 E á lyra me pede
 Ligeira canção.

II.

Nas tardes serenas do calido estio

Que o bafo ardentio

Da brisa, nos campos as flores crestou...

Que a triste avesinha parece sentida

Soltar ternecida

Endeixa saudosa a stação que passou :

Nas noites d'estio que o céu azulado

Se mostra bordado

D'estrellas que brilham com mago fulgôr,

Que as aguas do lago dormindo calmosas

Reflectem saudosas

Do astro da noite o doirado palôr...

Que tudo parece dormir em remanço

Que fundo descanço

Se estende... se alonga por todo esse mar...

— Nas noites d'estio que a lua prateia

N'hermida d'aldeia

A cruz já musgosa de antigo durar...

Olhando o horizonte

Da tarde ao cahir,

E o sol que nos mares

Se vai a sumir,

E o manto estrellado

Da noite a fulgir....

Olhando da terra
 A triste soidão,
 Sinto uma saudade
 No meu coração
 Que nem eu podéra
 Dizer-vô-la — não!
 É triste, mas suave,
 Tem suave sofrer...
 Recorda momentos
 Que eu qu'ria esquecer;
 Recorda-me um anjo
 Que aos céos já foi ter!...

III.

Na quadra do anno que os valles — os montes
 Os prados, as fontes
 Perderam a graça, o encanto, o frescôr,
 Que as folhas das arv'zes já secas, mirradas
 Cahiram *fanadas*
 Na terra que ha pouco lhês dera vigôr.....
 Que a brisa da tarde não bebe nas flôres
 Perfume d'ambres
 Que outr'ora expandia ligeira no ar,
 Nem vai entre os bosques correndo mansinha

Ouvir a avesinha
Soltando amorosa seu lêdo cantar.

Que tudo parece na terra mudar-se
Perder, acabar-se,
Que toda a natura n'um ermo ficou.....
Nem prados, nem flores, nem sombras amenas!
Mirando-se apenas
Alguma florinha que já não seccou!

Qu'importa eu pertenda
Na lyra tanger,
Se esp'ranças perdidas
Se fundo descreer
Me fazem da lyra
Os sons 'squecer?

Se eu sinto no peito
Bem intima dôr....
Se já não me restam
Lembranças d'amor,
Se vejo só lucto
De mim ao redôr?!...

Verdade bem negra
Perdida illusão!
Certeza pungente
Do meu coração....
— Que o gozo — a ventura
Não tem duração!

IV.

E quando nos céos se mudou de repente
 O azul transparente
 N'um véo condensado de plumbea côr...
 Ou quando o corisco fusila no 'spaço
 Fazendo n'um traço
 Gelar os mortaes de profundo terror.....

Quando entre as florestas, rugido tremendo
 Se vai estendendo
 Em écco afflictivo té junto do mar.....
 — Que lugubre som d'entre as rochas sahido
 Vem repercutido
 Lembrar-me do mocho o rouquenho piar !...

E quando entre os ventos e as aguas do oceano
 Terrível — insano
 Se trava um combate medonho, feroz...
 Sorvendo na lucta o afficto madeiro
 Mesquinho guerreiro
 Em duello entre os ventos e os mares a sós !

Sem rumo, ao acaso,
 (Qual outro batel
 Vagando perdido
 Sem norte fiel)
 Contemplo em silencio
 Tão triste painel !

No cimo da rocha

Batida p'lo mar,

Eu vou a tormenta

Do oceano mirar...

Sentir-lhe das vagas

Medonho roncar!

E d'entre essas vozes

Par'cendo escutar

Um som que me chama

Do fundo do mar,

Assoma-me aos labios

Atheo blasfemar II...

V

Mas um ecco tremendo, nos ares

Coo trovão duas nuvens abriu,

E na parte dos céos que se mostra

Uma estrella radiante fulgio!

.

E o poeta mirou lá nos céos

N'essa estrella uma imagem de Deos!

1853.

POSSO AMAR.

Muito infante neste mundo
Eu bebi-lhe o mal profundo
Que nest'alma, muito fundo
Me cravou negro -descreer !...
Illusões senti perdidas
Quando vi que eram mentidas
Essas crenças tão sentidas
Quaes não posso agora ter !

Oh ! que sonhos encantados
Que de affectos namorados
Que de amores tão doirados
Tão immensos eu senti !...
Oh ! que dias tão formosos !
Oh ! que amores, tão ditosos !
Oh ! que tempos, amoresos
Foram esses, que eu perdi !

Eu somente via amores...
 Tudo eram lindas flores...
 Tinha tudo lindas côres
 Nessas éras que lá vão!
 Eu amava com loucura
 Com delirio... com fervura!
 — Nessa quadra... oh! tão pura...
 Era eu rei no coração!

Eu julgava que essa vida
 Nos amores embebida
 Não podia ser perdida
 Porque os mais julguei por mim!
 Mas as crenças que eu guardava...
 Essa vida que eu scismava
 Que a minh'alma alimentava
 Oh! não era... não... assim!...

Vi os homens — minhas fallas
 Foram francas!... sem es gallas
 Do engano, que ao vibra-las
 Esses homens só lhes dão!...
 Vi mulheres — todas ellas
 Eu julguei rosas singellas
 D'entre as flores as mais bellas
 Da terrestre criação!

Sociedade torpe, ignára
 A quem tudo revelára
 D'essas crenças que eu julgára
 Crenças suas ser tambem,

Eu ouvi na voz d'insulto
 Como escarneo ao doce culto
 Vir dizer-me « *É muito 'stulto*
Quem as crenças d'amor tem ! ! »

Combati-a braço a braço
 Lendo nella o *erro crasso*
 Que estallar pertende o laço
 Que do homem ha p'ra Deos !
 Combati-a destimido
 Mas não pude ! — fui vencido !
 E no duello tão renhido
 Offuscou-se a luz dos céos !

Essa luz que me abrasava
 Essa *estrella* que eu sonhava
 Que nos sonhos m'explicava
 Com visões o meu amor....
 Foi das trevas na espessura
 Esconder-se !... A sorte dura
 Deu-me a taça d'amargura....
 E eu sorri-lhe a intensa dôr !...

Vi affectos desmentidos —
 Vi amores offendidos —
 Vi que tinha só sentidos
 Esse mundo, e alma não !
 Vi oceanos de torpeza
 Engolfarem a pureza
 E depois rirem da preza
 Como deve rir Plutão !

A meus pés eu vi pisadas
 Essas flôres perfumadas
 Que eu trazia tão guardadas
 No meu pobre coração !
 Vi-as todas que morriam....
 Todas — todas me fugiam...
 E nas trevas se perdiam
 Qual phantastica visão !

Fiquei só então !... Eu vi-me
 Entre os homens fragil viue,
 Que o mais leve sopro imprime
 Contra a terra onde brotou !
 Tive então de tudo medo,
 Já sem rumo, norte, e credo
 Nem ao menos o segredo
 Do que eu fôra me ficou !

Não ! que a todos eu diasera
 Esse amor... crença sincera !
 — Oh ! quão louco então eu era
 Que o segredo lhes fui dar !
 E dei-lhe o resto !... o que havia
 Em mim d'alma poesia
 Dei-lhe tudo !... e já bem fria
 Foi a voz do meu fallar !

E bem alto ergui a face !..
 — Mas qu'importa que eu olhasse
 Muito altivo e procurasse
 Ir beber na corrupção ?!...

Se eu sentia no meu peito
O mais intimo despeito
Pelo que me haviam feito
Padecer no coração?!...

É que um lume, em fogo vivo
Me ficou n'alma captivo
Apesar do torpe crivo
Que esse amôr me quiz matar!
— Não matou!... Se já murchadas
Já perdidas e mirradas
Essas crenças malfadadas...
Eu ainda.... *posso amar!*

1853.

LAURA

(FRAGMENTO)

Assim... assim... recosta a linda face
Nos hombros meus... assim!... Solta o cabelo
Em douradas madeixas ondulantes!...
Desprende o seio teu alabastrino...
Oh! quero ve-lo arfando com violencia
Sentir-lhe as pulsações acceleradas
Baterem contra mim!... Quero imprimir-lhe
Os beijos delirantes que me restam!

Teus labios de purpurea côr desprega
Que encobrem aljofrados, lindos dentes!...
Sorver-lhe quero ainda o teu bafejo,
Sorver-lhe quero o doce e puro aroma!
— Imprime em mim um desses teus olhares
Que matam, que embriagam, que enlouquecem!
Que fazem conceber que aqui na terra
Anjo.... mulher... só tu — só tu imperas!

t

Olha mais... mais.. assim !.. agora enlaça
 Enrosca os braços teus no meu pescoço,
 E as cousas deste mundo que me importam?..
 Que m'importam ó Laura se és só minha ?!...

Escuta Laura, ... altivo eu sou.. e rio
 E rio com desdem de todo o mundo !
 Das loucas ambições, e das vanglorias
 Quiméras falsas.. vãos da fantasia !..
 Eu rio dos pod'rosos cá da terra
 Das c'roas e dos sceptros — bens mesquinhost
 Que ao pé do meu thesouro nada valem..
 Que és minha qu'rida Laura, que és só minha !
 — Sou altivo ao gravar na tua fronte
 Um beijo como os que eu costume dar-te !
 Sou altivo... soberbo, quando estreito
 Nos braços meus teu corpo delicado !
 E quando a tua voz em meigas fallas,
 Bebidas na de amor copiosa taça,
 Transporta esta minh'alma a um mundo vago
 De gãos que jamais mortal fruirá !

Do Tasso, de Camões, Dante, Petrarcha
 Quem foram essas *bellas* qu'inspiraram
 Seus genios da poesia em vivo fogo
 Que possam a ti Laura comparar-se ?!..
 As graças que possues... os mil encantos
 Em tão sublime gráo de formosura
 Natércia quando os teve?... Beatriz, Laura
 E do Tasso a Leonora quando os teve?...

Petrarcha e o Camões, o Dante e o Tasso
 Estro elevado tinham — eram poetas
 E poetas e cantores sublimados!..
 Uma lyra tiveram que vibraram
 Em torrentes de magica harmonia!
 Mas que m'importa a mim não ter a lyra
 De nem um só d'aquelles grandes genios
 Se a ti possuo ó Laura?!... Que m'importam
 A gloria, a fama — um nome no futuro?
 Se tudo... tudo é menos que o gosar-te
 Que o ter-te entre os meus braços estreitada?!...
 — Pod'riam ter mais estro — o sentimento
 Mais ardente o não tinham, nem tão fundo
 Como este sentir meu inexplicavel!...
 Tinham lyra celleste!... Se a tivera
 Em mais sublimes versos eu cantára
 A tua formosura, os seus encantos..
 Este amor que é só teu ó minha Laura
 Que tão forte jamais em peito humano
 As horas apressou da curta vida!

E quem ha hí que seja que eu mais rico?
 Onde ha ouro que valha o sentimento
 Com que tu compr'endeste o amor na terra?!...
 Não tens vassallos, Laura?.. é que não queres
 Com um dos teus olhares conquista-los!..
 E que mais que vassallos eram 'scravos

Rojados a teus pés, idolatrando
 Os mysticos encantos que compoem
 Teu semblante de fada !... e de teus olhos.
 O mystico raiar que magnetisa !..

Olha p'ra mim ó Laura, e nos teus braços
 Bem contra o peito teu me aperta Laura !...
 Amar com este amor sómente os poetas,
 Amar assim sómente os poetas sabem !
 E foste tu ó Laura quem me deste
 Da doce poesia a maga lyra !

Da lyra, pois, vibrar eu quero as cordas
 N'um hymno d'harmonia mui singela,
 Nascido deste amor que m'inspiraste
 Que aqui no peito eu sinto fervoroso
 Em chammas revolver-se bem ardentes !
 —Deixae-me entoar um hymno, e offertar-l'o
 Ati — ó minha Laura, anjo celeste
 Visão dos doces sonhos da minh'alma !
 E tu, ó lyra, dá-me em sons maviosos
 Um cantico sentido, que revele
 Este anhelar continuo, delirante
 De amor, de sentimento, e de desejos !...

.

Eu amo ver a lua
 Que magica fluctua
 Pendida lá nos céos ;

Por ella ter encantos
 Que fazem lembrar quantos
 Não teem os olhos teus !

Eu amo ver a aurora
 Que nasce, e se namora
 De toda a criação...
 Por vir em thronos bellos
 Da côr dos teus cabellos
 Que d'ouro fino são !

Eu amo com carinho
 Da rosa o botãosinho
 Que nasce no rosal ;
 Amo vê-lo entreaberto
 Qual sorrir teu incerto
 Nos labios de coral !

Eu amo as brancas flores...
 Tem alvejantes cores
 Como as do seio teu ;
 E amo a rôla — Suspiras
 Como ella — se deliras
 Por mais um beijo meu !

O sôpro levesinho
 Da brisa, e o murmurinho
 Da fonte amo tambem ;

Semelham-se ao gemido
Fundo, triste, pungido
Que do teu peito vem!

Amo as agoas do lago
Se movem com afago
Sua face d'azul,
Recorda-me o teu seio
Arfando em vago anseio
Qual filha de Stambul!

Amo ver as campinas
Bordadas de boninas
P'la mão do Creador!..
Dos campos a frescura
Lembram tua figura
Teu gesto encantador!

Amo a brisa suave
E o cantico da ave
Em sentida canção;
Que me lembra um teu beijo
Envolto n'um desejo
Que vem do coração!

Eu amo ver a lua
Que magica fluctua
Fluctua lá nos céos,

Tão formosa d'encantos
Que faz recordar quantos
Não teem os olhos teus !

E toda a natureza
Eu amo na belleza
Que ostenta com primor....
Traduz os teus encantos
Em verdejantes mantos
De fragrante frescòr !

1851

.....

As folhas que no caminho
Da triste vida encontrei,
Umás — verdes me sorriram
Outras — já sêccas topei !

Das verdes que dizem : *gôsos*
E *amor....* muitas colhi !
Mas hoje nem uma tenho !....
Paixões — *gôsos* já perdi !

Já não creio em protestos
Em juramentos d'amor,
Só creio nos gemidos
Que do peito arranca a dôr !

Nos gemidos fundos d'alma
Nos martyrios do soffrer,
Nas torturas do martyrio
Que lagrimas faz verter !

Só creio na 'spessa nuvem
Que a lua no céu 'scondeu....
Ou no palôr da alampada
Junto á cruz do mausoleu !

E eis essas folhas seccas !
Guardo todas que colhi....
—*O que os homens chamam mau*
E' o que p'ra mim sorri!

1852

A UM AMIGO.

Tão joven, tão crente, tão cheio d'esp'rança
Quem pode arrancar-te pungido chorar ?
Malquistas a vida que amarga lembrança
Negrece co'as tintas d'infundo penar ?...

Em tão verdes annos perdeste a ventura
No berço da vida topaste c'o a dor ! ...
Colheste um martyrio que diz « *amargura* »
Em vêz d'uma rosa que falla d'amor ! ...

Amigo — tu soffres ! ... e o peito estancado
Mais chôro, mais pranto d'alivio não tem !
No pallido rosto que a dôr te ha sulcado
Um sôpro d'esp'rança sorrir-te não vem !

O claro horisonte miravas ancioso
Esp'rando d'aurora o risonho nascer....
Mal viste da luz um reflexo formoso
Que nuvem bem negra t'o fez 'scur'cer !

Tambem eu já tive o meu astro fulgente
 No céu recamado d'estrellas sem fim....
 Já cri na existencia de um anjo innocente
 Que eu via em meus sonhos sorrir-se p'ra mim !

Fulgio-te entre muitas no céu, alva estrella ...
 Sentiste o seu brilho abraçar-te em paixão !...
 Agora tu soffres por que outra porcella
 Roubou-te essa estrella do teu coração !

Embora !... não soffras !... conselhos d'amigo
 Palavras mentidas, prejuradas, não são....
 Qu'importa á mulher ? !... escarnece-a comigo
 E ri-te p'ra sempre da negra traição !

Desfolha a teus pés essa flôr do martyrio
 E nunca vencido, sempre has-de vencer !
 Embriaga os sentidos em louco delirio
 Se queres gosar o amor com prazer !

Abraça-me — e lê no meu rosto : a *alegria*...
O goso, a descrença, o delirio, o ardor !...
 Abraça-me !.., e zomba comigo do dia
 Em que uma traição t'explicou... *que era amor.*

1853.

NO ALBUM DE UM DESCONHECIDO.

Se as folhas de um album recebem abertas
As vozes do bardo que incognito vem,
— Que vem envolvido nas sombras espessas
Que a fronte lhe cobrem, e o nome tambem....

Que importa que o dono deste album tão rico
— Se rico nas fórmãs, d'idéas bem mais, —
Que importa não saiba quem vem nesta folha
Soltar um gemido — soltar fundos ais ?...

Qu'importa ?.. sómente o soffrer o fez poeta !
Envolta no pranto uma lyra tangeu....
Olhou para a terra — topou -a deserta !
E vio a tormenta se olhou para o céu !

E o chôro sulcou-lhe bem fundo nas faces....
— Que os sonhos d'esp'rança perdidos estão ! —
Lançou-se no mundo e sentio que as palavras
Do mundo as palavras do poeta não são !

Callou-se !... perdido ao acaso entre as massas
Em phrases mentidas ao homem fallou !
E vio-se applaudido no meio das turbas
No rir que nas faces lhe o mundo marcou !

Porto — 1852.

DESEJOS

FRAGMENTO.

Nos dias dourados, nos dias d'infancia
Arfava-me o peito, não sei se de amôr...
Mas boje que o sinto pulsar-me com força
'Stá sêco de esp'rança, pungido de dôr!

O som d'uma voz a vibrar-me no peito,
Uns olhos que eu vi me fizeram tremer!
Quisera abraçar-me na luz desses olhos
Do som dessa voz só *quisera* viver!

O ar que respiram seus labios ardentes
Quisera sósinho, só eu respirar...
A vida que vive, e os gosos que gosa
E os sonhos que sonha... *quisera* sonhar!

.
.

Nos dias dourados, nos dias d'infancia
Arfava-me o peito, não sei se de amôr...
Mas hoje que o sinto pulsar-me com força
'Stá sêco d'esp'rança, pungido de dôr!

1851

A UMA DONZELLA.

Donzella, se eu tentára
Na pobre lyra tanger
Pedindo-lhe me vibrasse
Um cantico de prazer...

E que esse doce cantico
Fosse um hymno só de amôr,
Fosse um hymno d'alegria
D'alegria, e não de dôr...

Inspirações não pedira
Á mimosa flôr do prado
Nem ao brinquedo das vagas
Desse rio tão prateado...

Nem ao bafejo da brisa
Ao canto do rouxinol
Nem ao doirado horisonte
Lá quando vai pôr-se o sol...

Ao mago fulgor da lua
 Pelas noites de luar
 Nem ao brilho das estrellas
 Pelo céo a 'scintillar...

Um anjo de formosura
 Pediria sim a Deos,..
 Na candura, e na belleza
 Anjo mimoso dos Ceos l...

Trasendo na fronte impressa
 A celleste pallidez
 Negrura nos lindos olhos
 Melancolia na tez...

Um innocente sorriso
 Nos labios de rubra côr
 A sorrir como sorriem
 Os anjos para o *Senhor!*

Então brctára da lyra
 Doce poesia dos Ceos
 Poesia que só eu sinto
 E que eu só revello a Deos!

Esse anjo... vi-o, Donzella,
 Transpar'cer no teu olhar l...
 — Posso agora já da lyra
 Um hymno d'amor soltar!

Setembro 1854.

A UMA POETISA

INSENSIVEL?

Tu não crês linda poetisa
No amor?

E tu sabes que nos campos
Só de amores e frescura
Se alimenta a meiga flôr!

Tu não crês linda poetisa
No amor?

E tu sabes que o oceanno
Vai de amores embeber-se
Na d'aurora rubra côr!

Tu não crês linda poetisa
No amor?

E tu sabes que nos bosques
Só amores solta aos ares
O aereo cantor!

Tu não erês linda poetisa
No amôr ?

E tu sentes que t'inspira
Em saudosa estia noite
Dos Juares o palôr !

Tu não crês linda poetisa
No amôr ?

E tu sentes « sacro fogo
Escaldar-te o pensamento »
Com delirio — com fervor !

Tu não crês linda poetisa
No amôr ?

E tu sentes em teu peito
Mil mysterios, mil segredos
Que s'inflamam com ardôr !

Tu não crês linda poetisa
No amôr ?

E tu vês na natureza
Delicioso panorama
Feito á voz do creador !

Tu não crês linda poetisa
No amôr ?

E tu vês no firmamento
Fulgurar a estrella em lumes
Como um astro inspirador !

Tu não crês linda poetisa
No amôr?
E tu vês, — lê nos meus olhos
Quanto sinto neste peito
Retalhado pela dôr!

Oh! não creio que não creias
Com ardor!
Quem da lyra assim desprende
Como tu, maga poesia
Oh! não negue o seu amôr!

1853.

PORQUE OLHASTE ?

(Versos a Laura).

Pourquoi de tes regards percer ainsi mon âme ?
Baisse, oh ! baisse tes yeux pleins d'une chaste flamme
Baisse les, ou je meurs !

LAMARTINE.

Tua fronte meiga e pura
Tão cheia de formosura
Tão singela na candura
Eu amei n'um só olhar ;
Era só minha alegria
De teu rosto a sympathia
Desses olhos a poesia
Em segredo contemplar !

No meu peito silencioso
Eu sentia fervoroso

Nos transportes desse góso
 Palpitar-me o coração...
 Enchia-me então de pejo
 Porque ardia no desejo
 De respirar teu bafejo
 De tocar com um só beijo
 Essa tua nivea mão...
 Mas disert'o... não podia
 Porque offender-te não qu'ria
 Com minha louca paixão!

Quando meiga, carinhosa
 Impremias caprichosa
 Entre as folhas d'uma rosa
 Esse olhar tão seductor...
 Eu qu'ria como a mêdo
 Descortinar em segredo
 Os mysterios dessa flôr!
 Qu'ria ver se me dizia
 Que o teu peito então sentia
 Uma lembrança d'amôr!
 — E se do peito esquecido
 Largo suspiro, perdido
 Entre os labios de carmin
 Eu via fugir-te assim...
 Quiséra então respirar-lhe
 A fragancia!.. — perguntar-lhe
 Segredos do teu amor...
 Escutar-lhe com fervor
 De teu peito o sentimento

Ouvir-lhe que o pensamento
Era todo para mim!

Não sabias que te amava?...
 Não vias que me abrasava
 Uma esp'rança que eu guardava
 Como estrella a refulgir?...
 Não sabias que essa esp'rança
 Vinha trazer-me a bonança
 Vinha encher-me d'alegria
 As horas de noite e dia,
 As horas de meu sentir?...
 Diz-me então — porqu'imprimiste
 Os teus olhos sobre mim?...
 Foi amor que tu sentiste?...
 Ou foi porque tão sómente
 O teu olhar innocente
 Divagando indifferente
 Por esse espaço sem fim,
 Veio perdido, esquecido
 Demorar-se sem sentido
 No meu rosto — foi assim?...
 Não foi, não; que de carmim
 Eu bem via então coradas
 Tuas faces invejadas
 Do mais lindo serafim!
 Eu bem via perturbada
 De prazer embriagada
 Tua vista suffocada
 De sên timento e de amor!

Mas se não tinhas vontade
De mostrares a verdade
Que assim tu me revelaste
Diz-me agora — *Porque olhaste?*...

1849.

UM BEIJO? — NÃO!

A JULIA.

— Tens na fronte pura
Impressa a candura
Dos anjos do céu!..
És bella, és gentil como as flores d'estio!
Se o tivéras...
Oh! que o déras
Da terra e dos Céos o imenso pod'rio
Por um beijo teu!

Oh! Julia, és formosa!..
Mais bella que a rosa
A desabrochar!
Teus olhos tão negros revellam constancia;
Se eu podéras...
Oh! quem déras
Dós labios que exalam tão doce fragrancia
Um beijo furtar!

Olha bem pr'a mim!..
 Desse modo... assim
 Morro por te vêr!
 Teu languido olhar faz lembrar uma houri!
 Se pudéra...
 Eu disséra
 Que amargo seria no mundo sem ti
 Meu triste viver!

— Que era? — Soffrimento!
 Inferno, tormento!
 A morte era enfim!..
 Meu Deus! mas tu córas, escondes as faces!
 Se pudéra...
 Eu quiséra
 Pedir-te, rogar-te somente qu'enlaçes
 Teus braços em mim!

Não sei se me amas
 Nem sei se t'inflamas
 Em ardente amor...
 Mas sei qu'imprimiste teus olhos nos meus!
 Se pudéra..
 Se soubêra
 Furtar... mas não sei!.. Dá-me um beijo dos teus
 Ou morro de dor!

— Isso não! — Não queres?...
 O que são mulheres!

Como todas são !
— Quem sabe o valôr que darás ao meu beijo ? !.
— Recebêra
E morrerá !..
— Morrêras ? — De gôsol.. — Mas eu tenho pêjo
Oh ! não t'o dou, não !

1852.

A UNS OLHOS PRETOS.

(Improviso n'um Album).

Eu amo dos olhos pretos
Espressivo — terno olhar,
Dos olhos pretos que vi
Sempre — sempre hei-de gostar...

Que bem podem olhos pardos
Serem d'ôces na expressão...
Podem verdes e azues
Inda frir meu coração...

Oh!... não teem dos olhos pretos
Seductora animação!

1849.

SIM — NÃO.

A ELISA.

— Elisa, tu coras por causa de um beijo?
Tu baixas os olhos?... pareces ter pejo?...
De que?... pois não foste tu mesma que um *sim*
Pendida em meus braços dos labios soltavas
Jurando em segredo que tudo me davas
Se fosse pr'a mim?

Então não me fallas?... escondes o rosto?..
Se o dar-te este beijo não foi do teu gosto
Quando eu t'o pedia, disseses-me — *não*.
Bem sabes, Elisa, que eu quero se queres,
Não quero se negas, e quanto disseres
E' sempre rasão!

Sorriste?... levantas os olhos louquinha?
Donzella tão meiga qual branca pombinha!
Oh! diz-me que o beijo esquecê-lo-has.. *sim*?..
— Não! — Pobre de mim!.. um tal beijo não déra
Se antes de o dar convencido estivéa
Que fôras assim!

Elisa, tu foges?... não fujas... attende
 No meigo sorrir que teus labios desprende
 Traduzo eu agora o valor do teu — *não*...
 Não fujas... espéra, e confessa que um beijo
 Se tem algum crime é fazer de sobejo
 Perder a razão !

Agora se coras... qu'importa?... Sentiste
 A forma singella de um beijo, e ouviste
 Que brando sussurro que faz... não é *sim*?
 Então, linda Elisa, comprime os teus braços
 Estreita meu corpo em sentidos abraços
 E olha p'ra mim !

O DOMINÓ.

—Lindo masc'ra não me fuja
 Não te escondas
Entre as ondas do saráu...
Oh! não fuja, que me matas!
 Não fallares
Nem me olhares — é ser máu!

Lindo masc'ra côr de rosa
 Vem commigo
Como amigo, conversar;
E o que nessas meigas fallas
 Eu disséra,
Vias se era ou não amar!

N'essas fallas meus prótestos
 Escutáras...
 Se não páras, morró aqui!
 Inda amor tão palpitante
 E tão puro
 Eu te juro, não senti!

Olha — sinto o peito em chammas!
 E' tormento
 Bem violento amar assim!...
 P'ra cortar os desta vida
 Mil abrolhos
 Fita os olhos teus em mim!...

Mostra o rosto de belleza
 Myst'riosa
 Mais airosa que uma houri!
 Eu quizera neste instante
 Ser escravo
 Ser escravo só de ti!

— Que m'importam tuas fallas
 Esse enleio
 Se eu não creio nesse amor?!...
 Que m'importam teus protestos
 Mentirosos
 Enganosos — sem valor?!...

— O fallar dessa maneira
 Minha ingrata

Não retrata o peito teu !
 Tu que eu julgo ser formosa
 E tão bella
 Como estrella lá do céu !

Quem tem fórmas seductoras
 Elegantes
 Nasceu antes para amar...
 E não falla desdenhosa
 Com desprezo
 D'um acceso delirar !

— Já te disse, não m'importam
 Essas fallas !
 P'ra escutal-as eu não 'stou !
 Praticáras d'outro modo
 Se soubéras
 Bem devéras como eu sou !

— Ah ! eu sei perfeitamente
 Quanto queres...
 Das mulheres typo és !
 Não l'importam meus protestos !
 Importára,
 Se os fallára eu a teus pés !

As palavras vão co'o vento —
 Teu desejo
 Eu bem vejo que é maior...

Tu esp'ravas sacrificios
 Se os fizera
 Eu houvera o teu amor!

Tu do homem só desejas
 Alma, vida
 Ver rendida ao teu poder...
 Tudo quanto de teus labios
 Eu ouvira
 Não me admira que és mulher!

Inconstante por costume
 Desdenhosa
 Caprichosa, sem razão!
 Simulada quasi sempre
 Só não mente
 Se é que sente uma paixão!

— A tirar me violentaste
 A *viseira*
 Por maneira bem audaz!
 Oh! por mim não soffram todas!...
 Vê meu rosto
 De desgosto fugirás!

E ao ver um tal semblante
 O sujeito
 Mui atreito se ausentou...
 Que temendo vê-lo ainda
 Para traz
 Para traz não mais olhou!

Deste conto se deduzem
Tres verdades — as quaes são:
Que as mulheres só não mentem
Quando soffre o coração.

A segunda que os protestos
Ex abrupto falsos são...
Juramentos deste lote
Jámais vêem do coração.

E a terceira que as mulheres
Que p'ra todos feias são,
São de masc'ra tão formosas
Que nos fallam ao coração.

OS BEIJOS.

N'um divan de rubra tella
Linda dama se sentava,
Sobre um collo de alabastro
Loura a trança lhe ondeava...

Nos seus lindos meigos olhos
Brilhava fogo de amor,
Na mimosa — nivea face
De carmim leve rubor....

Adejava-lhe nos labios
Um sorriso d'encantar.....
Provocante — desejoso
D'algum outro encontrar !

Assim era — alli um joven
No divan com ella estava,
E ancioso co'um sorriso
Tambem outro procurava....

Eis por tanto dois sorrisos
 Procurando-se encontrar,
 E os sorrisos teem desejos
 Que nos fazem delirar....

Mas é certo que os desejos
 Teem temores, teem receios,
 Que nos fazem ser medrosos
 Nos mais avidos enleios...

Pois alli bem juntos ambos
 Muito juntos como estavam
 Nem se quer uma palavra
 A dizer não se affoutavam....

Mas ou fosse ou não acaso
 Elle e ella se miraram...
 E não sei por que motivo
 Um momento assim ficaram!

Ao depois, como impellidos
 Em reciproco desejo
 Entre os labios d'um e d'outro
 Retenio ardente beijo!

Depois disto, outra vez inda
 Elle e ella se miraram
 E agora é que eu ignoro
 Por que os olhos se cerraram!

.

Passados alguns momentos
 Eis que o joven lhe dizia :
 — Minha Laura mais um beijo !
 Ao que a dama retorquia :

— Meu gentil apaixonado
 Para um beijo mais te dar
 Hei-de tê-los.... e não sei
 Onde os hei-de eu ir buscar ?!...

— Oh ! meu Deus !... pois tu não tens
 Mais um beijo p'ra me dar ?....
 Dá-me pois a tua face
 Quero os outros te pagar....

— Ah !... então ficas sabendo
 Que é assim que eu te farei....
 Dá-me beijos tu primeiro
 Que eu depois t'os pagarei !

1853.

A FLORINHA DO CAMPO

(NO ALBUM DE UMA JOVEN.)

No desabrochar d'aurora
No crepusculo matinal,
Quando as avesinhas cantam
O seu hymno festival :

Quando a verdura dos campos
Respira em si fresquidão,
Quando as aguas dos rochedos
Mais frescas, mais puras são :

Quando a brisa vem ligeira
Pelas searas doudejar,
E depois aos arvoredos
Co'a folhagem vae brincar :

Quando da pobre choupana
 Já vae distante o pastor,
 Conduzindo as ovelhinhas
 Das montanhas ao redor :

Quando toca á missa d'alva
 No campanario d'além,
 E que as donzellas d'aldea
 A' oração alli vêem :

Quando nos montes, nos vales
 E nas campinas, a flôr
 Exala doce fragrancia
 Doce perfume d'amor :

Quando por entre a folhagem
 Melodia o rouxinol
 Mil canções d'amor — sentidas —
 Ao matutino arrebol :

Quando, emfim, no horisonte
 Rompe o sol com esplendor,
 Dando a toda a natureza
 O seu osculo de amor :

Foi que eu vi mimosa e bella
 No verde prado uma flôr,
 Com as folhas orvalhadas
 De christalino licôr...

Não era goivo, nem cravo
 Saudade, nem malmequer...
 Era a florinha do campo
 Sem mais outro nome ter;

Amor-perfeito não era
 Rosa não era também,
 Nem das qu'em nevados seios
 Se collocam ao desdem;

Não era d'aquellas flôres
 Que vegetam nos jardins,
 Aonde cresce a rubra *dhalia*
 A *baunilha*, e os *jasmins*...

Nos jardins d'altos castellos
 Onde vem a cortezã
 Arrancar-lhe para sempre
 A frescura da manhã;

Não era a flôr qu'em palacios
 Vive um dia no salão,
 Em soberbas, ricas jarras
 Trazidas do Indostão;

Nem era das escolhidas
 Para linguagem d'amor...
 — Vegetára nas campinas,
 Das campinas era a flôr!

A flôr qu'em noute d'estio
 Ouve a cigarra a cantar,
 E em manhã de primavera
 O cordeirinho a ballar ;

Era a flôr da natureza
 Sem mais outro nome ter,
 Vivendo longe do mundo
 Sem o mundo conhecer ;

E tão branca como as vestes
 Dos anjos de lá dos céos,
 Alli nos campos sósinha
 Par'cia adorar a Deus !

A florinha meiga e pura
 Muito tempo inda mirei...
 Mirei-a tempo perdido...
 Mas nem se quer lhe toquei !

Pois temia que a florinha
 Que tão bella eu via assim...
 Murchasse, perdesse o viço
 E só por causa de mim !...

1852.

PRCA A BARRA.

(O MAREANTE.)

Quêdo o mar! Por toda a costa
Inda a nevoa esconde a terra...
Nem d'aurora a luz descerra
Verdes prados
Matisados
Pela flor!
Tudo é calmo!... A natureza
Envolvida em alvo manto
E' qual virgem cujo encanto,
Só é dado
Ser olhado
Por amor!

—Ui galera!... Eis essas praias
 Que eu ha tanto demandava
 Eis as praias porque anseava

Meu saudoso

Amoroso

Coração!

Eil-a!... a terra do meu berço!!

Eil-a!... a minha patria qu'rida!!

Eil-a!... Phenix renascida!!

D'entre flores,

Onde amores

Meus estão!

— Foi alli que os verdes annos
 Da infancia — descuidados —
 Em carinhos embalados,

Innocente

Docemente

Vi fugir!

Foi alli que amor materno

Com meiguices e abraços,

Me ensinou os santos traços

Da fé pura

Que a Escripura

Faz sentir!

— Foi alli que se passaram
 Sem um dia d'inclemencia
 Esses tempos d'innocencia
 Co'as boninas
 Das campinas
 A brincar!
 Foi alli que me fiz homem!
 Foi alli que n'um instante
 Um angelico semblante
 Veio a calma
 De minh'alma
 Perturbar!

— Via-a... amei-a!... como se ella
 Mais formosa que os de Rubens
 Se mostrasse um anjo em nuvens!...
 Vi-a — e dei-lhe
 Consagrei-lhe
 Santo amor!
 E aquelles doces dias
 Só de amores e ventura
 Foram oasis de verdura
 Junto d'ella
 Virgem bella
 Do Senhor!

— Tinha os olhos negros... negros
 Como é negra a noite escura!
 Melancolica tristura
 Revellavam
 Quando olhavam
 Para mim!
 Eram negras as madeixas
 Sobre o collo alvacento!...
 Seduzio-me n'um momento
 O seu peito
 Todo feito
 De marfim!

— Vi-a... amei-a!... amei-a muito!
 Desse amor que não fenece...
 Santo amor que não conhece
 Esse mundo
 Mar profundo
 De traição!
 D'esse amor que inspiram anjos!
 Que nos faz amar em sonhos
 Encantados e risonhos
 Que não sentem
 Os que mentem
 A' paixão!

— Foi então gentil galera
 Que da flor me separaste!...
 Dessa flôr de tenra haste
 Que sósinha
 Tristesinha
 Eu deixei!

Foi então que panno ao vento,
 Navegámos longas mares,
 Sempre quvindo-lhe os queixares
 Nessas maguas
 Que nas aguas
 Escutei!...

— Não te lembras quando ao longe
 Alva nuyem assomava
 Que na forma que tomava
 Tão singella...
 Tinha della
 Não sei que?...
 Não te lembras d'essa nuyem
 Que umas vezes se sumia...
 Outras vezes me par'cia
 Vir qual nympha
 Sobre a lympha
 Pôr-se em pé? ..

— Não te lembram essas tardes
 Em que o vento era mais brando,
 Vir a brisa sussurrando
 Seus gemidos
 Ternecidos
 Recordar ?...

E também n'aquellas noites
 Em que fulge o firmamento
 Exclamar eu de momento:
 « Vêde a lua
 Que fluctua
 Seu olhar ! » ?...

— Não te lembras quando á noite
 Nesses plainos do oceano
 Te largava todo o panno ?...
 Ai galera !
 Para que era ?
 — P'ra voar !

P'ra correr — e muito.. e muito !
 P'ra correr aos braços della...
 Da formosa e clara estrella
 Que me chama
 Que me inflama
 Este amar !

— Prôa á barra !... Em toda a costa
 Eu já vejo bem a terra...

Já d'aurora a luz descerra

Verdes prados

Matisados

Pela flôr !

Prôa á barra !... Nesses campos

D'entre as flores — a mais bella

E' a minha linda estrella

Que suspira

Que delira

Por amôr !

— Ui galéra — prôa á barra !...

Súlca as aguas do meu Tejo...

Voga... voga... o meu desejo

De abordar

E' tão fundo

Que no mundo...

Não tem par !

1853

ANAIDE CASTELLAN.

O' Cantora sublime, genio, fada,
Archanjo de celeste melodia,
Rainha nesse templo d'harmonia...
Creatura p'los anjos inspirada !

O' tu actriz modello, sublimada,
Solta aos ares na voz de sympathia
Magneticas torrentes de poesia
Que vem ao fundo d'alma transportada !

Oh ! dá-nos mais um cantico sentido...
Eléva nossas almas com teu canto
Té á morada tua, anjo descido !

Quanto sinto não posso dizer tanto...
Disséra-o — Castellan — se desprendido
Do peito meu sahisse em voz o pranto !

NO ALBUM

Do meu amigo e insigne pintor

F. J. RESENDE.

C'roado na fronte co'os louros de poeta,
Sublime, pintor p'lo genjo inspirado,
No templo das Artes em vulto grandioso
Teu nome Resende será respeitado...

Empunha o pincel, ó eximio artista...
Teus *quadros* serão de renome na historia!
Qu'importam thesouros, grandezas mesquinhas
Em frente do genio — na esp'rança da gloria?

Com alma de poeta, arrojado na idéa
Com punho d'artista, nas obras sublime...
Não podem palavras dizer a *verdade*
Que o poeta e artista nas côres imprime!...

Mas póde outro poeta sentir-se inspirado
 Ao ver de teus *quadros* o bello ideal,
 E póde dizer-te em linguagem sentida
 « *Teu nome Resende ha-de ser immortal!* »

NO ALBUM

DO MEU AMIGO — A. B. FERREIRA

**« AO SEU TRABALHO EQUESTRE SOBRE O CAVALLO PAPILLON »
EM SEU CIRCO PARTICULAR NO PORTO.**

I.

Já fulgem lumes mil por todo o Circo
 Explendido de gallas...
Cavalheiros e damas presurosos
Aguardam os mancebos corajosos
 Em agitadas fallas.

Eil-os que entram !... torrentes d'harmonia
 S'expandem pelos ares...
E mil rostos s'inflamam ! — Nos artistas
Se cravam d'uma vez ardentes vistas
 Mil soffregos olhares !

Começam os trabalhos — vêde o fogo
 Dos jovens *amadores*...
 Parecem ir beber o entusiasmo
 Nos olhos das donzellas... que de p^osmo
 Ai... vão perdendo as cores!

Oh! vêde — vêde — a toda a brida correm...
 Correm — desaparecem!
 Que garbo!... que levêsa! que coragem!
 Parecem ser levados pela aragem...
 Oh! vêde que parecem!

.

Já vai em meio a noute — Alli no Circo
 Sómente ha um cavallo,
 E' branco... é *Papillon* — como é formoso!
 Da magestosa orchestra o som fogoso
 Parece encorajal-o!

Impacientado agita o seu pesçoço...
 Co'as patas rapa o chão!
 Espera alguém... parece desconfiado!
 — No Circo « *Papillon* »! eis já entrado
 O teu dono — attenção!

II. .

Sobre o seu Papillon deu um salto...

E tão alto

Que de pé sobre a anca ficou!

Solta a musica a Walsa estridente...

... Toda a gente

No mancebo seus olhos cravou...

Cruza os braços, e firme, direito

Nem um geito

Um se quer ao seu corpo escapou...

E' uma estatua!... Parece encantada

Ser levada

N'outro pégaso em rapido vôo!

Não é 'statua!... oh! decerto não é...

Sobre um pé

O seu corpo ligeiro firmou!

E por todos os modos se agita

Até grita

Ao cavallo... que mais s'excitou!

Largas *tellas* ligeiro saltando

E passando

Entre os *arcos* que o diabo inventou,

Já lá vai, sempre, sempre de pé!

Nem até

Dos *punhaes* uma ponta tocou!

« Corre mais, Pipillon, mais depressa...

Atravessa

Qual corisco que os ares cortou!

Up!!... dos ventos imitta a carreira...

Mais ligeira

Que a do raio que além fuzilou »!

Sobre-humana par'cia esta scena!

Já na arena

O *artista* mui dextro saltou...

Mil applausos n'um brado crescente

Toda a gente

Em delirio expontaneo soltou!

III.

Teu peito meu joven *artista* s'exalta

Ao brado expontaneo de peitos *amigos*...

Mas ouve: — se é grande a emoção que te assalta

Maior a corage ao vencer tantos p'rigos!

1854.

O JUDEU ERRANTE

LENDA DO SECULO XVIII.

I.

Não ha sobre a terra desgraça tamanha
Miseria maior que a do pobre Judeu !
P'lo mundo caminha, caminha, caminha
Cumprindo a sentença que o Christo lhe deu !...

Um dia d'estio que o sol dardejante
Lançava seus raios d'intenso calor,
Aldeões repararam que um velho passava
De barbas mui longas, tismado na côr !

P'lo traje disforme, e bem mal arranjado...
P'las roupas cobertas de terra e de pó,
Não só lhes par'ceu muito extranho aquelle homem
Mas como sentiram por elle mui dó !

E vendo que o velho marchava p'r'avante,
 « O' tio, bons dias » — um delles bradou —
 « Fazei-nos a graça da vossa conversa »
 Errante o Judeu no caminho parou.

— Amigos não posso dizer-vos qual seja
 No mundo a desgraça que a minha maior...
 Nem posso parar no meu longo caminho
 — Escravo submisso do Senhor! —

Que o tempo se mostre calmoso e ardente
 Ou seja tão frio que faça gellar,
 Não deixa que eu fuja ao meu triste destino
 Que sempre me diz : *caminhar — caminhar!*

— Entrae neste alvergue e comnosco bebêde
 Ao menos um cópo de vinho frescal,
 E todos sentados serêmos em volta
 Attentos ouvindo narrar vosso mal...

— Sois tão bemfazejos, que é quasi impossivel
 Offerta tão franca não qu'rer acceitar;
 Acceito a beber uma gotta de vinho
 Mas sempre de pé... não me posso sentar!

Seguido de todos entrou no alvergue
 O corpo arrimando ao nodoso bordão...
 Dizer não se póde, que fundos mysterios
 Encobre no rosto o notavel ancião!

Cabellos, sobr'olhos, e barbas nevadas !
 Semblante mais triste que aquelle, não ha !
 Na fronte traz dito : *martyrio — exterminio*
Aos filhos dispersos da mis'ra Judá !

— Dizei-nos amigo, se haveis já passado
 Nos annos d'idade p'r'adiante dos cem ?
 Mostraes ser mui velho no vosso semblante
 E mais, bem se vê, sois robusto tambem !

— Sou velho, e tão velho que vivo ha já sec'los
 Dezoito, e doze annos que passam p'ra mais,
 Doze annos eu tinha ao nascer Jesu-Christo
 O filho de Deus, a quem todos amais !

— Sereis por acaso aquelle homem fallado
 Que todos app'lidam : *Errante Judeu ?*
 Dizei-nos, sois vós de quem falla a Escriptura
 Izaac por nome ?... — Sou eu sim, sou eu !

II.

— Ouvide a pungente historia
 Do pobre Judeu Errante
 Que ha dézoito sec'los soffre
 Pelo errô d'um instante !
 E' bem triste o meu viver
 Sempre o mundo a percorrer !

Dir-vos-hei primeiramente
 Meu officio verdadeiro ;
 Os meus pais eram mui pobres...
 Apprendi a çapateiro ;
 E foi em Jerusalem
 Que á luz me deu minha mãi !

Só a minha negra audacia
 Foi que fez com que eu soffresse !
 — Oh ! que feliz eu não seria
 Se a sentença um fim tivesse ! —
 Dos homens o Redemptor
 Tractei com duro rigor !

Passando p'la minha porta,
 « Poderia eu um instante
 « Aliviar-me neste sitio
 « P'ra poder marchar ávante » !
 A mim me disse Jesus
 Levando aó Calvario a Cruz !

Dá minha brutalidade
 Ouvide a torpe resposta :
 « Retira-te, criminoso
 Tua vista me desgosta...
 Foge de diante de mim
 Co'a Cruz aos hombros — assim ! »

«Tu marcharás sempre, e sempre
 Te ao final julgamento!
 Durante mais de mil annos
 Durará o teu tormento!»
 — Ao meu proceder brutal
 Eis a sentença fatal...

Desde então de noute e dia,
 Tenho sempre caminhado,
 A' roda de todo o mundo
 Cinco vezes tenho andado!
 Todos têm na vida um fim...
 O morrer não é p'ra mim!

Tenho atravessado os rios
 Tenho atravessado os mares,
 As montanhas, os rochedos
 Os desertos, e palmares...
 Tenho visto mil nações
 E não só mil, mas milhões!

Já na Europa, já na Asia
 Atravessei muitas terras
 Onde milhares de vidas
 Eu vi perecer nas guerras!
 Só eu não posso morrer...
 Quão pungente é meu soffrer!

Sobre as plagas africanas

— E' isto muito verdade —

E tambem lá n'America

Eu vi grande mortandade...

E quem della não morreu —

Parece incrivel — fui eu!

Eu não tenho algum recurso

Apparente ou verdadeiro...

Em qualquer logar ou tempo —

E' meu unico dinheiro,

Apenas alguns reaes

Sempre o mesmo e nada mais.

Assim atravesso os mares

As montanhas; os rochedos

Os desertos, as planicies

Bosques, serras, arvoredos...

Assim ordenou Jesus

Levando ao Golgotha a cruz!

Eis a triste, e triste historia

Do pobre Judeu Errante,

Que ha dezoito seculos soffre

Pelo erro de um instante!

Que soffrerá o Judeu

Além do que já soffreu?

III.

— Ouvindo contar vossos longos trabalhos
 Engano, mentira, julgavamos ser,
 Agora bem vemos que é tudo verdade,
 Pungente e miserrimo o vosso sofrer!

— Adeus meus amigos, eu fico mui grato
 Aos vossos cuidados, ao vosso favor...
 Eu soffro bastante não 'stando em caminho,
 Estando parado é maior minha dor!

IV.

O Judeu affastando-se d'elles
 Seu caminho p'ra ávante seguiu,
 De seus passos durante algum tempo
 O bater compassado se ouviu!

P'la vasta campina que existe
 Alli mesmo n'aquelle logar,
 O Judeu muito tempo elles viram
 Caminhar, caminhar, caminhar!

Té que alfim, lá bem longe, mui longe
 Onde o campo parece morrer,
 Pouco a pouco o errante proscripto
 Lá se foi como um ponto a perder !

.

V.

Ahaswerus caminha, caminha, caminha
 Que o sangue do Christo goteja na Cruz !
 Qu'importa o Judeu pelo mundo vagando
 Se a voz despresou do Sagrado Jesús ? !...

Attende ao chorar de profunda amargura
 Da Virgem Maria, p'lo Filho que é seu,
 E em face d'aquelle tão santo martyrio
 Caminha, caminha, caminha Judeu !

Por ambos os polos, desde um até outro
 Eterna sentença te diz: *caminhar* !...
 Ahaswerus caminha, caminha, caminha
 Té Christo dizer que tu podes parar !

1852.

A LUA DE PORTUGAL.

— 1847. —

I.

Junto ás margens do meu Tejo
Nestas margens d'encantar
Quanto é bello ver a lua
Melancolica a brilhar!
— A lua da minha terra,
O meu astro tutelar!...

O' Lua! astro saudoso...
Rainha d'estrellas mil,
Como eu amo contemplar-te
Como és formosa e gentil...
Como és bella quando fulges
Nesses céos de puro annil!...

Que de segredos envoltos
 Na mysteriosa côr!
 Estampada tens na face
 A melancolia — a dôr!...
 Quem podéra decifrar-te
 O c'lorido d'amargor?!...

E que triste me appareces
 O' Lua de Portugal!
 Já não amas como outr'ora
 Estas aguas de cristal?
 Namorar-te já não queres
 Deste rio sem igual?

Deste rio... do meu Tejo
 Que tem margens de rubim...
 Cujas vagas espumantes
 Tem alvura de marfim...
 Destas praias aonde as conchas
 São prantos de cherubim?!...

Sobre as aguas do meu Tejo
 Já não amas fulgurar?...
 Nestas margens encantadas
 Que tem bellezas sem par,
 Já não queres vir brilhante
 Expandir o teu luar?!...

E onde ha terra mais formosa
 Que a minha terra natal?...
 Aonde a ha mais linda e bella
 Que o meu bello Portugal?
 Onde?... Por todo esse mundo
 Onde ha outra terra igual?...

II.

Lá nas margens do Mondego
 Ha bellezas d'encantar!
 Quem não lhe amára o socego
 Das aguas a murmurar?
 Pela margem arenosa
 Anda a brisa caprichosa
 Bafejando voluptuosa
 Triste vaga a suspirar!

Quem não vira essas colinas
 Em que o Douro ferve além...
 Quem não vira as christalinas
 Agoas do Lima tambem;
 E que por todos os lados
 Não amára os ricos prados
 D'esmeralda recamados
 Que esta minha terra tem? l...

Na minha formosa terra
 Ha flores que são sem fim...
 Ninguém sabe o que ella encerra
 No seu fadado jardim!
 Tem prados de verdes mantos,
 Tuas fontes vertem prantos
 E tão formosa d'encantos,
 Jámais foi essa Pekim!

III.

E onde podes tu, ó Lua
 Ser mais bella do que aqui?
 Em que céu ha mais estrellas
 P'ra te adorarem a ti?
 P'ra te amarem... onde encontras
 Mais amor do que em mi? !...

Neste céu não veem as nuvens
 Negrecer o teu fulgor...
 A galla de mil estrellas
 A brilhanta o teu splendor!...
 Que t'imprime pois na face
 Esse mystico palôr? !...

Serás triste por ser triste
 Quanto em baixo de ti ha?
 Porque a mimosa florinha
 A haste vergada já
 No arrebol matutino
 A frescura só hav'rá?!...

Palida melancolia
 Has de sempre assim mostrar?!...
 Serás triste porque as aves
 Jámais ouviste cantar?...
 Ou triste porque a tristeza
 E' a flor do teu reinar?!...

O' Lua! sobre estas agoas
 Lança todo o teu fulgor!
 Que no brilho que prateia
 As vagas da agoa á flor,
 Poderei ler em segredo
 Mystérios da tua dor...

Que nos murmurios sentidos
 Destas agoas de cristal
 Uma voz ouvir eu heide
 Que me revele o teu mal...
 Que me diga quanto soffres
 O' Lua de Portugal!

IV.

E ao murmurinho das vagas
 Que na praia veem dormir,
 Só queixumes bem amargos
 Só lamentos pude ouvir!
 Quiz na voz desses lamentos
 Um segredo traduzir!

Nessa voz uma palavra
 — *Portugal* — julguei ouvir!
 E um lamento de *saudade*
 N'outra vaga fui sentir!...
 — *Saudades de Portugal!* —
 Tudo quizera exprimir!...

Não será pois já tão bello
 Este sóllo portuguez?
 Será esse o só motivo
 Porque, sempre triste, o vés?
 O céu menos estrellado
 Estará do que outra vez?

Quando além nessas campinas
 Estendes o teu luar,
 Já não ouves a cigarra
 Entre as messes a cantar? !...
 Nem do ribeiro da fonte
 O triste murmurejar? !...

Ou as agoas já não puras
 Destes rios — quantos são,
 Por ventura o das estrellas
 E o teu brilho embaciarão?...
 Ou cheios de tanta prata
 Elles não se mostrarão? !...

Quando o batedor do remeiro
 Corta as agoas com amor...
 Nas lagrimas dos seus remos
 Já não brilha o teu fulgor?
 — Já não simelham diamantes
 De fabuloso valor?

Não ó Lua, tu não podes
 N'outras agoas appar'cer,
 Onde a luz do teu luar
 Mais brilhante possa ser!
 — Espelhos mais cristalinos
 No mundo não pôde haver!

Serás triste então porque
 Tudo na torpeza jaz?!...
 Por seres tu só que vellas
 A nocturna, mis'ra paz,
 Deste povo — agora fraco —
 Tão potente eras atrás?!...

Oh! sim, — eis o verdadeiro
 Mystério do teu soffrer!
 Eis o veo que sempre ha feito
 Tua face obscurecer!
 A nuyem que empalidece
 O teu meigo parecer!

Eis a sombra de tristura
 Que o teu brilho vem toldar!
 — A lembrança do que viste
 Este povo praticar,
 E a miseria em que agora
 O vês — triste — definhar!

V.

Que é da nossa antiga gloria?
 Que é d'aquelles grandes Reis
 Que — *soldados* — iam ao campo
 Defender as suas leis?!...
 Que é da nossa antiga gloria
 Dos nossos ricos laureis?

Que é do valor da coragem,
 Do antigo portuguez ?
 Que é dos actos d'heroismo
 Que este povo tantos fez ? !...
 — Jaz por terra carcomido
 O seu terrivel arnez ? !...

Já no pó do esquecimento
 Tanta gloria se olvidou ? !...
 Nem um nome, um só se quer
 Ao nosso tempo passou ? !...
 Dessa luz nem um só raio ?
 Toda... toda s'eclipsou ? !...

O' Lua, que é d'essas noutes
 Em que á luz do teu luar,
 Mil navios alterosos
 Sobre o Tejo a balouçar,
 Se dispunham para em breve
 Longes mares conquistar ? !

Onde vão dourados tempos,
 O' Lua de Portugal,
 Em que tu por esses mares
 Vias o pendão real
 Ostentar as suas quinas
 Glorioso e immortal ? !...

Nas cinco partes do globo
Fulgurava a tua luz!
Lá té onde os Portuguezes
Fizeram crer em Jesus...
Em toda a parte até onde
Levaram a santa cruz!

Lá brilhavas refulgente
Refulgente d'esplendor!
Era immenso o teu imperio
Era immenso o teu fulgor,
Offuscando a luz da vista
A quem *portuguez* não fôr!

Então era cada filho
Da patria um defensor!
Todos irmãos, todos eram
Extremados em valor!...
Todos amavam a patria
Com idolatrado amor!...

Ao campo jámais corriam
Sangue d'irmãos a verter;
Somente erguiam as armas
Para estranhos combater...
Todos tinham uma vontade
Era... a patria defender!

VI.

Hoje, ó Lua que tens visto
 Esses mesmos praticar?...
 São, acaso, irmãos ainda?
 Já viste um, outro abraçar?...
 Ou todos juntos em massa
 Um só grito levantar?!...

Já os viste todos juntos
 E todos de coração,
 A uma voz erguerem-se
 Que lhes bradava — Nação!?...
 Já os viste nessa lição?...
 Já os viste?... dize: Não!...

Não!... que essas victorias d'hoje
 Derramam sangue d'irmãos!!
 Vencidos ou vencedores
 Todos são concidadãos!
 O que vence é fratercida!
 Os que morrem são christãos!!..

Crepes humidos de pranto
 Vém c'roar o vencedor l...
 As bandeiras da victoria
 Enluctou-as tanta dor!
 D'uma guerra fratercida
 Eis o fructo! — negra flôr!...

— O triste pranto da viuva
 Que o esposo lá perdeu l...
 Mas o filho que lá 'stava
 Esse vive... não morreu!
 Desgraçado l... da mãe foge!
 A seu pai a morte deu l...

VII.

O'Lua, eis o lamentoso
 Painei que te faz soffrer!
 Eis o véo que sempre ha feito
 Tua face obscurecer!...
 A nuvem que empalidece
 O teu meigo parecer!

Eis a sombra de negrura
 Que o teu brilho vem toldar !...
 A lembrança do que viste
 Este povo praticar,
 E a miseria em que agora
 O vês triste desfinhar !...

VIII.

Esp'rança ! — Virá um dia —
 Que a desgraça hade morrer !
 Nova luz então, ó Lua
 O teu luar hade ter !...
 E essa luz de muito brilho
 De muito brilho hade ser !

Quando a patria erguer a fronte
 Desta miseria fatal,
 Então sim — virás radiante
 O' Lua de Portugal,
 Namorar-te destas aguas
 Do meu Tejo de cristal !

IX.

Junto ás margens do meu Tejo
Nestas margens d'encantar
E' que eu amo ver a Lua
Melancolica a brilhar !
A Lua da minha terra
Da terra do meu amar ! !...

A SAUDOSA MEMORIA
DE SUA Magestade a Rainha
D. MARIA II.

POESIA PARA SE RECITAR AO SOM DE UMA MARCHA FUNEBRE NO PIANNO.

Rainha, pelo berço, inda mais éra
Um anjo pelo amor, e pela fé!...
Foi na terra qual é no céo aonde
Tem c'rôa celestial — Rainha é!...

Morrêste para o mundo d'onde foste
Chamada na voz mystica de Deus!...
Ha um anjo de menos sobre a terra
No anjo que faltava lá nos Céos!

Venceste !.. desprendida alfim da terra
 Occupas hõje um throno que é só teu !
 Um throno ganho á custa de virtudes
 Cujas c'rôas, sómente as ha no céu !..

Venceste !... fõra longo o teu exilio
 N'um mundo que não era, oh ! não, p'ra ti !
 O mundo dos archanjos não é este...
 Nem ha vaidades n'esse como aqui !

Passando pela terra como um astro
 Deixaste bem reflexos d'essa luz...
 D'essa luz qu'illumina a fronte augusta
 Dos anjos inclinados sobre a cruz !

Rainha!... se na terra houveste um throno,
 Houveste-o por herança a teus Avós,
 Mas esse que hoje occupas sempiterno
 Ganhaste-o deste mundo — d'entre nós !..

Degráus do throno—nuvens! Cõrte—d'anjos!
 O docel que te cobre — a mão de Deus !
 Em cõro os serafins te cantam hymnos...
 E' gloria eterna a luz dos dias teus !

Rainha fõste aqui entre os humanos,
 Nem outro algum logar mer'cias cá !
 Que tal não foste só por sangue illustre
 Senão que o foste aqui qual hoje és lá !

*

Rainha nas virtudes, na doçura,
—Encantos que de Deus sómente vêm!
Rainha que inda és hoje e serás sempre,
Embora de nós sejas muito além!

Esposa! — mais affecto, e mais virtudes
Como em tí n'outra esposa se não dao!
Das mães tu foste o typo da ternura
Ensinando ás que mães na terra são!

Venceste emfim!... Deixaste um mundo aonde
Cumpriste só moral — virtudes só!
Com Deus e com teu Pae foste abraçar-te
Deixando este teu reino envolto em dó!

16 NOVEMBRO 1851.

O SOLDADO VETERANO.

Fui soldado, e fui valente
Lá no campo onde potente
Tinha um braço portuguez !
Meu arrojo desmarcado
Foi herança do soldado
Que guerreou em Diu e Fez !...

Vencedor, nunca vencido,
Fui soldado destemido
Lá no campo a combater !
Que o portuguez, mais temivel
Outro braço, é impossivel
Que no mundo possa haver !...

Não póde não, que a memoria
Do portuguez é — *Victoria* ! —
Pelo mundo a éccoar !...
E o seu peito pulsa grato
Pela terra que a — *Veriato* —
Do seu seio vio raiar ?

Não póde não, que a lembrança
 Do que fui, é minh'esp'rança
 De meus filhos no valor l...
 Como eu fui serão soldados
 E da patria sua aos brados
 Acudirão com fervor l...

Ouvir antes do combate
 Dos tambores o rebate
 Hão-de amar, como eu amei l...
 Depois radiantes de gloria
 Em um só clamor — *Victoria!*
 Gritarão como eu gritei l...

Com o peito descoberto
 Hão-de ir ouvir bem de perto
 O ribombo do canhão l...
 E passado um só momento
 Farão cahir sem alento
 Os contrarios quantos — são l...

Em mil guerras, minha vida
 Arrisquei, p'ra não vencida
 Esta minha terra ver!
 Não morri, que sou valente...
 Que o cobarde tão sómente
 Não póde louros colher l...

Meu braço desfallecido
Já não póde ser temido
Que soldado já não sou !
Hoje consola-me o peito
Em lembrar-me quanto feito
O meu braço praticou !...

Fui soldado mui valente
Lá na guerra, onde potente.
Tinha um braço portuguez !
Meu arrojo desmarcado
Foi herança do soldado
Que morreu em Diu e Fez !

1851.

FIM.

INDICE.

| | Pag. |
|---|------|
| A minha lyra. | 3 |
| No album de um amigo intimo | 5 |
| O poeta | 9 |
| Já passou | 20 |
| O sentir do poeta | 24 |
| Posso amar | 31 |
| Laura | 36 |
| | 43 |
| A um amigo. | 45 |
| No album de um desconhecido. | 47 |
| Desejos. | 49 |
| A uma donzella. | 51 |
| A uma poetisa | 53 |
| Porque olhaste? | 56 |
| Um beijo? — Não! | 60 |
| A uns olhos pretos. | 63 |
| Sim — Não | 64 |
| O Dominó. | 66 |
| Os beijos | 71 |
| A florinha do campo | 74 |
| Prôa á barra. | 78 |
| Anaide Castellá | 85 |
| No album do pintor Resende | 86 |
| No album de A. B. Ferreira | 88 |
| O Judeu Errante. | 92 |
| A Lua de Portugal. | 100 |
| A' memoria da Rainha D. Maria II. | 114 |
| O soldado veterano | 117 |

ERRATAS.

| Pag. | Linh. | |
|------|-------|---|
| 3 | 10 | Aonde se lê: <i>vejo</i> , leia-se, <i>sinto</i> . |
| 10 | 20 | Aonde se lê: <i>que natureza</i> , leia-se, <i>que a natureza</i> . |
| 11 | 14 | Aonde se lê: <i>sem</i> , leia-se: <i>vem</i> . |
| 12 | 4 | Aonde se lê: <i>seu luar</i> , leia-se: <i>o seu luar</i> . |
| 21 | 21 | Aonde se lê: <i>Não — sinto</i> , leia-se: <i>Não sinto —</i> |
| 43 | 11 | Aonde se lê: <i>Só creio</i> , leia-se: <i>Eu só creio</i> . |
| 46 | 7 | Aonde se lê: <i>outra</i> , leia se: <i>atra</i> . |
| 93 | 8 | Aonde se lê: <i>do Senhor</i> , leia-se: <i>da voz do Senhor</i> . |



Fr. Hollsteiner
k. k. Hof Buchbinder
in
WIEN
Alte Vorstadt am Glacis,
N^o 197 im rothen Hause.

